

editorial

editorial

entrevista

interview

ágora

agora

tapete

carpet

artigo nomads

nomads paper

projetos

projects

expediente

credits

próxima vírus

next virus

V!20

revista V!RUS

V!RUS journal

issn 2175-974x

ano 2020 year

semestre 01 semester

Julho 2020 July



MORAR NA ABERTURA DE INTERIORIDADES LIVING IN THE OPENING OF INTERIORITIES

IGOR GUATELLI

Igor Guatelli é arquiteto e Doutor em Filosofia Moderna Francesa. É professor pesquisador adjunto da graduação e Professor do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. É Pesquisador Associado do Laboratório GERPHAU-ENSA Paris-La Villette e Université Paris 8 e líder do grupo de pesquisa Cidade e Arquitetura e Filosofia. Estuda desconstrução, filosofia pós-estruturalista, condensadores urbanos, novos processos de territorialização. igorguat@uol.com.br

GUATELLI, I. Morar na abertura de interioridades. **V!RUS**, São Carlos, n. 20, 2020. [online]. <http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=5&item=111&lang=pt>. Acesso em: dd/mm/aaaa

ARTIGO SUBMETIDO EM 10 DE MARÇO DE 2020

Resumo

Traço aparentemente irrevogável de tempos não mais tão atuais, presenciamos a intensificação, via interdição, da interiorização seletiva da vida coletiva. De um lado, em sua maioria – e aí podemos incluir, condomínios, resorts, museus, shoppings e, inclusive, os sofisticados estádios de futebol – configuram-se como simulacros de espaço público, traduzidos em ilhas imunizadas, de exclusividades e lugares do mimo. Do outro, as chamadas Ocupações – moradas legalizadas ou ilegais – pelo mundo, estimulam o florescimento de outras complexas relações dentro/fora, público/privado no processo de interiorização da vida em comum, partilhada e compartilhada. Paradoxalmente, observa-se uma intensificação e difusão de movimentos de resistência de populações fragilizadas e ameaçadas jurídico, econômico e socialmente, por meio de uma ação de restituição, ao público, daquilo que “privatizam” como territórios vitais de sobrevivência e existência. Disseminam-se moradas refúgios, profanadas em suas próprias lógicas constitutivas, comunidades contra-comunitárias, construídas e consolidadas pela intrusão, pela presença quase incondicional do outro, tornando-se campo fértil para uma experiência fecunda de interiorização da vida pública, coletiva e comum. Uma ideia de interioridade que surge com uma situação construída, na maioria dos casos, pelo enfrentamento, intrusão e acolhimento, firmando-se e replicando-se, portanto, a partir de lógicas adversas à ideia de comunidade, um lugar sem lugar na dualidade público-privado do território urbano. Uma interioridade que parece ter uma pulsação mais diastólica que sistólica, ao ritmo de algo estranho a sua própria ideia constitutiva, um lugar da separação não negativa, que fortalece relações. A separação como condição de contato com o outro, o de fora, a chance de uma alteridade na identidade. Assunto corrente na contemporaneidade, a tematização da alteridade passa necessariamente pelo reconhecimento das diferenças e daquilo que é outro em relação ao próprio do ente. Pensemos sobre um possível método de construção

da alteridade a partir de algo que, no limite, poderia ser entendido como um caminho oblíquo de construção de uma interioridade urbana e de uma sociabilidade interiorizada. Oblíquo porque não nega sua condição, a introversão, mas nega o que é negado pela ideia de interioridade, sua exterioridade, o completamente outro de sua dimensão ontológica. Um método desviante, não conclusivo ou que almeje um fechamento ou síntese, mas um método aberto, do nem-nem, nem um, nem outro, mas entre ambos, na indecidibilidade [conceito central no pensamento de Jacques Derrida] entre um e outro.

Palavras-chave: Refúgio, Interioridade, Intruso, Profano, Restituição

1 Introdução

Em seus rotineiros e necessários afastamentos da tagarelice e palavrórios da civilização, Heidegger se refugiava em sua cabana, em Todtnauberg, na floresta negra, um lugar organizado e supervisionado (a autoria do projeto permanece um enigma, apesar de alguns creditarem à própria esposa) por sua esposa, Elfrige Heidegger. Construída, no verão de 1922, para suas permanências transitórias, na serenidade e lentidão de um lugar propício à vida estoica, quase desprovido de imagens culturalmente produzidas, Heidegger dedicava-se a algumas atividades “essenciais”, como caminhar, pensar, eventualmente conversar, e, principalmente, esqui (ver SHARR, 2015).

Ali, refúgio e abrigo de sua existência, abertura para outra existência, Heidegger se interiorizava para pensar, envolver-se em atividades acadêmicas extra-classe ou em eventuais reuniões de verão com alunos (apesar do isolamento, um lugar hospitaleiro e de contato), a cabana, como entidade moradia, o ente habitação, acontecia (seu ser-aí) de uma maneira fundamental para o afastamento (encobrimento) do senso-comum, do já dado e pensado. O lugar lhe possibilitava se sentir interpelado pelo mundo e desafiado a pensar, era a clareira necessária para seu estar-lançado, seu devir, um lugar de meditação e criação.

Na aparente retração do mundo civilizado, a cabana acontecia como uma clareira do entre, um acesso a um outro, entre o provincianismo da cabana como ente e de algumas práticas campestres e o cosmopolitismo eventual advindo desses encontros com visitantes – Gustav Mahler, Jasper Johns eram alguns dos que o visitavam, além dos seus alunos da universidade. Mas também uma soleira, um lugar de mediação se considerarmos a própria transitoriedade da vida de Heidegger, dividida entre sua cabana e sua casa, e seu cargo de professor em Marburg, e, posteriormente, com a Universidade de Freiburg, onde foi reitor. A cabana se tornava hospedaria ocasional para visitantes, sobretudo para seus alunos. Possivelmente sua casa na cidade se transformasse também em refúgio da vida na cidade, sobretudo na universidade, da qual, por vezes, ele se queixava das atribulações.

Mas, em meio a um método de pensar baseado na desertificação do ser das coisas e seus sólidos pressupostos ontológicos – e justamente em virtude dele – surgia a chance do exercício de um pensamento que pretendia pensar o ser-outro do ser. A cabana tornava-se um lugar de passagem ao *Ereignis*, ao acontecimento apropriativo (ver HEIDEGGER, 2013), ou melhor, um lugar onde o pensamento apropriativo encontrava sua morada e se tornava lugar do acontecimento; um acontecimento em meio ao qual algo se revelava ao mesmo tempo que velava ao revelar-se.

Talvez, em um gesto um pouco descuidado, e que possivelmente seria desautorizado por ele, poderíamos dizer que a cabana, para Heidegger, seria um refúgio “desontologizado”, ou seja, não aprisionado na clausura epistemológica do ente ou da verdade do ser casa, apenas lugar da interioridade privativa e de privação do mundo externo. Era um lugar com abertura suficiente para a passagem a um outro, um dispositivo técnico mínimo (“essencializado”, em uma linguagem heideggeriana) ou uma armação [*ge-stell*] em harmonia com a natureza e a paisagem, que se disponibilizava como lugar de passagem a um outro inacessível, um lugar do seu *Da-sein*, lugar de *insights* sobre o mundo, de acontecimentos apropriativos, um “entre” de acesso a singularidades reveladoras sobre o ser e existir no mundo.

Distantes da cabana, mas, mesmo assim, algo que também gera movimentos de ex-propriação daquilo que parece ser próprio do lugar, no momento de sua apropriação, são as chamadas “Ocupações” (sobretudo de edifícios abandonados, movimento social e político crescente no mundo; em São Paulo, por exemplo, a Ocupação 9 de julho talvez seja o caso mais emblemático). Também refúgios de uma existência e de acesso a uma outra existência, tornam-se dispositivos técnicos por meio do qual outras interioridades são engendradas, ansiadas, e não como simples espelhos, imagens refletidas da sociedade que as abriga e, em certo sentido, as produz.

As figuras 1 e 2 mostram espaços da Ocupação 9 de Julho como clareiras [abertura ao outro, em um sentido heideggeriano]. São lugares para eventos externos, como almoços, oficinas, apresentações musicais,

lançamentos e debates sobre obras literárias, festas de casamentos de classes mais abastadas, atraídas pelo “exotismo” do lugar, conforme nos relata Carmen Silva [em pé na Fig. 2], gestora do lugar, acompanhada de outros moradores]. A morada como casa, aqui, perde sua dimensão caseira para tornar-se uma abertura a uma outra morada, uma morada que nega a interioridade interior, como, em certo sentido, a cabana de Heidegger. Um procedimento [talvez metódico, previsível, ou fortuito, contingencial, imprevisível, como veremos adiante] de constituição de uma interioridade cuja existência é o acolhimento daquilo que não faz parte dela, o acolhimento daquilo que chega, entra, invade, se coloca com, junto de, um ser-com-os-outros, sem se deixar assimilar completamente.



Fig. 1: Ocupação 9 de Julho: oficina de cartazes Fonte: Marcele Piotto, 2018.



Fig. 2: Ocupação 9 de Julho: Assembleia conduzida pela coordenadora Carmen Silva. Fonte: Marcele Piotto, 2018.

Quase antinômicas e, ao mesmo tempo, ainda em relação com o significado da cabana para Heidegger, permanecem intimamente ligadas ao meio do qual se separam por necessidade. Mas, nessa separação, algumas delas percebem a possibilidade de uma abertura por onde deixam-se contagiar pelo mundo que permanece além delas, e, na intensidade desse contágio, está a possibilidade do engendramento de uma outra interioridade, uma interioridade exterior, uma transmutação de ambos.

A cabana de Heidegger, seu refúgio, sem limites visíveis, sem cercas ou muros não era um mero lugar protegido. Era um lugar-meio, provisório, transitório, uma morada de passagem, um acesso a uma existência mais profunda, possivelmente ela mesma um incomum ente que emergia do ser, de sua própria existência no momento em que acontecia como refúgio do mundo chamado civilizado, meio para um estar fora-de-si, junto a um ser já como abertura ao ser-outro.

Não seria exagero dizer que Heidegger experienciava fatos banais – dentro e fora da cabana, como as conversas e caminhadas com as previstas e imprevisitas visitas, por exemplo – como combustível de seu *da-sein* e uma vida *ek-statica*, construída a partir de uma interrupção do curso inerte, inercial e normalizado do ente, re-apresentado por um ser em êxtase (*ek-stasis*). Heidegger fala de êxtase a partir da existência, um estar-lançado em direção a um outro, precipitado por uma experiencialidade abissalante do acontecimento ao ser apropriado. Esse acontecimento como abertura ao outro, na cabana ou nas ocupações, é a chance, aqui, de uma aproximação imperfeita, conflituosa, uma relação-sem-relação entre ambas. Conforme Giacoia Jr.,

Como *Dasein*, o homem é essa abertura (o homem é, essencialmente, também esse aí), uma *ex-stase*, um estar fora de si, junto ao ser. Se a ontologia geral concede privilégio teórico à essência em relação à existência, Heidegger, ao contrário, pensa o *Dasein* como ente cuja *ex-sistência* é ontologicamente fundamental, ou seja, é constitutiva da essência: uma existência contingente, temporal, mundana, finita, cujo sentido é ser-para-a-morte. (GIACÓIA JUNIOR, 2013, p. 63).

O ser-para-a-morte, aqui, pode ser entendido como a impermanência do fundamento, da origem, concomitante à abertura ao outro, uma dimensão de exterioridade que extirpa, como nos diz Giacóia Jr. ao discorrer sobre o significado do *da*, do *Dasein*.

Próximos e distante de Heidegger, estamos nos referindo, portanto, a um refúgio sempre desterritorializado em seu fundamento ao aceitar a intrusão e a presença frequente de outros, esperados ou não. Intrusões que impedem um endereçar-se apenas a si mesmo, mas, também, aberto à intrusão do tempo do outro. Essas intrusões criam um ser-com que altera e ameaça o ser-para-si-mesmo característico do refúgio. Surge aqui uma outra ontologia do refúgio a ser pensada como meio de precipitação e fortalecimento de sociabilidades transvaloradas; não por repúdio, convite, permissão ou admissão, mas por junções na abertura do ser da coisa para o seu devir, uma junção receptiva, sem a necessidade de recepções, apenas aberta ao que e quem chega.

Outros inícios têm início nessas jornadas de inesperadas junções, responsáveis por movimentos extasiantes. Como meio de des-instituição do ente – superação e ressignificação – por essas inesperadas junções (as junções são acontecimentos), paradoxalmente, há a chance de uma abertura a um outro ser interioridade por meio de um encobrimento dos supostos fundamentos que sustentam, historicamente, o ente interioridade. Arriscado, mas, seria possível pensar em métodos voltados à geração de comunidades ou interioridades que se desabilitam de si mesmas ao habitarem e serem habitadas?

2 O intra-uterino transitório

Refúgios podem acontecer como lugares de passagem a um outro, fora ou dentro das atribuições e atribuições da vida em sociedade. Não é necessário habitar a floresta negra para que o apropriar-se, o tornar-se próprio em meio ao acontecimento seja possível. Refúgios como moradas de passagem e acesso a um ser outro acontecem nos incessantes movimentos expropriativos dos direitos do homem promovidos pelo Estado, pela cidade, pelo processo civilizatório dentro deles, apesar deles e em virtude deles.

Em uma arguta, criativa, polêmica e mordaz interpretação da história da civilização, o filósofo Peter Sloterdijk afirma, em sua monumental obra *Esferas* (volumes I, II e III), aqui, particularmente no volume 3 (ver SLOTERDIJK, 2014), que a história do homem, da vida em comum e do processo civilizatório se confundem com lógicas intra-uterinas. Seriam incessantes processos de interiorização que, trazidos para o campo do urbano e da vida urbana, apresentam-se, em suas piores versões, como ilhas imunizadas, de imunização, de auto-imunização, de preservação de lógicas diferenciais. Enfim, territórios do “mimo”, de regalias direcionadas às pessoas “abençoadas”; sejam eles condomínios residenciais, shoppings, arenas futebolísticas, grandes museus ou espaços culturais em geral.

Uma economia da clausura e um ethos da auto-preservação criam comunidades exclusivas, proto-eugênicas. Por outro lado, como reação inevitável e simétrica, eclodem comunidades contra tal lógica comunitária, comunidades que, excluídas, e em virtude dessa exclusão, nascem, sobrevivem e operam pela intrusão, pela contaminação e disseminação social. O excluído torna-se o hóspede intruso fundante e fundamental para a consolidação dessa comunidade contrária à ideia majoritária de comunidade.

Para essas comunidades, somente através e pelo intruso, o de fora que já está dentro (do contrário não seria um intruso), torna-se possível falar em pertencimento e identidade. Identifica-se necessária e incessantemente com o intruso que sempre chega de surpresa, sem direitos assegurados a priori, sejam eles de raça, gênero, classe. Estamos diante de comunidades que não se naturalizam em algo a priori, já dado, normatizado, mas que acontecem e sobrevivem por contágio, pela admissão hospitaleira do estrangeiro que se introduz e se integra. Ao contrário das ilhas dos abençoados, endógenas e eugênicas, de acentuação e reforço do sujeito em relação a si-mesmo dada a vontade, paradoxal, de diferenciação, essas ilhas anômalas (*a-nomos*, sem fundamento a priori) desarranjam o próprio e a propriedade pela permanente intrusão e enxertos sociais imprevistos advindos dela. Nada está assegurado a priori, com exceção do intruso, daquele que chega para se integrar sem a necessidade de se ajustar à prefiguração imunizante.

3 Procedimentos intrusivos

Comunidades criadas pela intrusão, muitas delas à força, têm o acolhimento quase incondicional como condição para uma sobrevivência por contágio; sua auto-preservação por exclusão seria sua morte. Com

essas comunidades confrontadas por sua própria lógica de morada "comunitária", uma brecha surge, a lógica do uno, totalizante, da integridade e do inviolável é colocada em xeque; a identidade e o traço identitário são revogados. É pela intrusão do estrangeiro ao local, do intruso que chega sem ser convidado, mas já admitido, que se inicia um processo de enunciação de outras moradas dentro da morada, recodificações e práticas espaciais responsáveis pelo florescimento de inefáveis sociabilidades. Micro-sociabilidades que escapam à normalização e normatização sociais vigentes e começam a enunciar e delinear outras possibilidades de interação solidária entre os viventes intrusivos, e entre eles e a sociedade que os produz, e da qual escapam e perturbam.

Essas outras socializações solidárias, sempre em formação, ameaçadas de interrupção, não garantidas – e, talvez por isso – profanam moradas criando, ao mesmo tempo, outras moradas; moradas que, estranhamente, necessitam do de fora, do extra-residente, para se fortalecerem como interiores, como ilhas de disseminação de interioridades externas. Denominadas de "Ocupações" antes de adquirirem nomes próprios, devem sua força de existência propositiva ao fato de existirem sempre o dia anterior, o penúltimo dia, como se fosse o último. Vivem o tempo escatológico, da iminência do fim, por isso, sobrevivem, super-vivem, extrapolam o que lhes é dado como possibilidade de vivência. Em sua obra "Profanações", Agamben diz:

Os juristas romanos sabiam perfeitamente o que significa "profanar". Sagradas ou religiosas eram as coisas que de algum modo pertenciam aos deuses. Como tais, elas eram subtraídas ao livre uso e ao comércio dos homens, não podiam ser vendidas nem dadas como fiança, nem cedidas em usufruto ou gravadas de servidão. Sacrílego era todo ato que violasse ou transgredisse esta sua especial indisponibilidade, que as reservará exclusivamente aos deuses celestes (nesse caso denominadas propriamente "sagradas") ou infernais (nesse caso eram chamadas simplesmente "religiosas"). E se consagrar (*sacrare*) era o termo que designava a saída das coisas da esfera do direito humano, profanar, por sua vez, significava restituí-las ao livre uso dos homens. "Profano" – podia escrever o grande jurista Trebácio – "em sentido próprio denomina-se àquilo que, de sagrado ou religioso que era, é devolvido ao uso e à propriedade dos homens". E "puro" era o lugar que havia sido desvinculado da sua destinação aos deuses dos mortos e já não era "nem sagrado, nem santo, nem religioso, libertado de todos os nomes desse gênero" (D.11,7,2). Puro, profano, livre dos nomes sagrados, é o que é restituído ao uso comum dos homens. Mas o uso aqui não aparece como algo natural; aliás, só se tem acesso ao mesmo através de uma profanação. Entre "usar" e "profanar" parece haver uma relação especial [...] (AGAMBEN, 2007, p. 65)

Há um contágio profano na intrusão, nas chamadas "Ocupações". A "Ocupação", essa morada profana, quase sempre, em sua origem, não consentida, não permitida, desencanta, dessacraliza o que permanece intacto, intocável, e devolve ao uso mundano dos homens aquilo que o poder político, econômico lhes subtrai, e o poder jurídico, com seus dispositivos "legais", lhes negam, a justiça da morada. Pela intrusão, ocupações ignoram e confrontam o que deveria permanecer separado do mundano pela força da lei – pelo direito jurídico de propriedade que se coloca acima do sentido de justiça social – trazendo ao uso cotidiano aquilo que havia adquirido uma dimensão sagrada, indisponível à apropriação dos viventes. O que deveria permanecer em reserva, permanentemente disponível (aqui, reserva imobiliária), torna-se território usado, uma estrutura que alavanca incomuns e instáveis sociabilidades.

Seguindo ainda Agamben, a museificação do mundo

Não significa a criação de espaços físicos de Museus, mas a dimensão separada para a qual se transfere o que antes era percebido, usado [...] De forma mais geral, tudo hoje pode tornar-se Museu, na medida em que esse termo indica simplesmente a exposição de uma impossibilidade de usar, de habitar, de fazer experiência (AGAMBEN, 2007, p. 73).

Sobre a noção de uma comunidade que não se caracteriza pela submissão a prerrogativas que a precedem e a determinam ou por um modelo de suficiência identitária, Blanchot, em sua obra *Communauté inavouable*, disserta sobre uma ideia de comunidade – ao contrário da vida em rebanho – que se fortalece a partir do excesso de uma falta que se aprofunda à medida que ela se preenche. Essa insuficiência do ser, de um ser estável e completo, vem justamente do contato permanente com o outro que chega, o completamente outro, o intruso, nunca autossuficiente; seu ser no mundo carece de um outro para ser, sendo com o outro. As comunidades geradas por essas chamadas ocupações estão sempre em excesso a si mesmas, em excesso à carência permanente.

A vida no rebanho pode ser hierárquica, mas nessa submissão ao humano ou ao outro, permanece a uniformidade que nunca se singularizou. A insuficiência não

se conclui a partir de um modelo de suficiência. Ela não busca o que acabaria com isso, mas o excesso de uma falta que se aprofunda à medida que se preenche” (BLANCHOT, 1983, p. 20, tradução nossa)¹.

Ao contrário das comunidades asseguradas e formadas pela admissão por equivalência, essas comunidades oriundas de ocupações e intrusões se constituem e se fortalecem pela “morte” da propriedade e do próprio de cada ente. O intruso, para permanecer dentro, precisa abrir mão do que lhe seria próprio para permanecer na presença de outros, quaisquer outros.

Moradas ameaçadas, não asseguradas, constroem-se e se fortalecem por uma carência de propriedade como identidade. Intrusões de novos habitantes, sejam moradores, passantes, visitantes, usuários garantem uma apropriação complexa de um espaço em constante construção, insuficiente como comunidades plenas, normalizadas como lugares sagrados, fechadas e interditadas ao uso de intrusos. Ao contrário dessas, as comunidades profanas concebem seus espaços como lugares a serem restituídos ao público pelo uso comum, não é apenas um espaço partilhado com todos, intrusos ou não, mas intensamente compartilhado, quase desierarquizado.

A comunidade, como lugar comum, é uma morada que não se resguarda do outro ou se guarda para os seus, mas se doa ao intruso, ao que chega para partilhar e compartilhar. Como seriam então essas comunidades formadas por aqueles que não têm ou não pertencem a comunidades? Hoje, explodem ocupações em nível planetário, conduzidas pela lógica da intrusão, da profanação e da restituição pública e do comum. Entretanto, alastram-se comunidades condominiais, constituídas pela lógica da posse, da expropriação do público e sacralização do território. Inversamente às ocupações, territórios condominiais são lugares de hiper hierarquização social que se preservam pela sua própria imanência, interioridades que têm a expulsão da exterioridade como premissa.

Ocupações são comunidades que se expõem à exterioridade para existir, assumem a impossibilidade de um ser comunitário (interior sagrado) como sujeito. Pela intrusão, existem como uma comunidade que se inviabiliza como comunidade por estar sempre aberta à exterioridade do outro, do intruso. Abrindo-se à exterioridade, a morada dessas ocupações torna-se lugar de moradas permanentemente em construção, uma presença ambígua, portanto. São presenças não realizadas como identidades e entidades plenas. Na interioridade de uma exterioridade, acabam por se constituir como utopias coletivas em processo permanente de ser algo para além das categorias usuais de moradia.

Para além de ideia de comunismo ou de comunidade, são uma espécie de comunidade por vir, uma silenciosa multidão solidária, aberta à simples ideia da existência comum como meio de sobrevivência, de uma sobrevivência do espaço compartilhado, comum. Nada a preservar ou garantir como patrimônio, nada a subtrair do comum, apenas construí-lo como necessidade vivente, potência suprema de existência pela simplicidade e, tal como a cabana de Heidegger, ou qualquer outra “cabana”, uma existência na essencialidade do ser-com.

Ao contrário da ideia convencional de comunidade, garantida por adequação, conveniência, afinidades, proximidades e interesses e, por isso, tendendo a um relaxamento dos vínculos sociais que a constituem (afinal, já estão garantidos), essas comunidades-contra-comunidades, chamadas genericamente de Ocupações, tendem a reforçar seus vínculos e comunicações. Reforçam pelo fato desses processos interativos não estarem dados a priori, não serem uma condição de reunião, convívio ou ligações afetivas. Viventes na incerteza do penúltimo dia, vivem-no intensamente como o último dia, o dia que pode ser o último antes do abandono, voluntário ou involuntário.

Formadas por pessoas “fora” da sociedade, essas outras comunidades, ou comunidades por vir, se fortalecem ao interiorizar uma complexidade da qual foram excluídas. Moradas complexas, criam um território contido, interiorizado, de compartilhamento aberto, sendo, portanto, constantemente ameaçado em sua integridade por algo que as negou, a própria sociedade. É essa abertura interior ou interiorização negada em sua própria interioridade que as tornam gêneses de outras possibilidades da vida comunal.

4 Procedimentos restitutivos

Como dito, anomalia tem relação com ausência de fundamento, fundamento que, historicamente, está associado à ideia de próprio, portanto, de propriedade. Territórios da alteridade, da abertura ao outro, aos outros, ao estrangeiro, ao intruso, as Ocupações não preexistem às pessoas. A condição de espaço apropriado, usado por compartilhamento, inaugura um lugar que, contraditoriamente, restitui o público, ao público, ao ser apropriado como lugar de morada, uma interioridade. Há um novo contexto dentro de um contexto, um contexto que enquadra o mundo interior como exterioridade, um lugar de disseminação do público em um local privado de mundo, abandonado.

Em *La Dissémination*, Derrida nos insta a pensar sobre a ideia de enquadramento e abertura:

Gatilho: abertura, geralmente de uma porta, com uma fechadura, um cadeado, chaves que a partir de agora você não deve esquecer; e moldura: inscrição em um quadrado; abertura, portanto, entendida e refletida em um quadrângulo, abertura ao quadrado, um certo espelho singular, que espera por você. A cidade novamente, com portas e espelhos, o labirinto [...] (DERRIDA, 1993, p. 361, tradução nossa)².

Há uma interessante anomalia urbana nas chamadas "Ocupações" em suas origens. Surgem, frequentemente, a partir do rompimento de uma porta com uma fechadura, com um cadeado, uma interdição que faz parte de um encadeamento de lógicas e espaços urbanos que negam a presença, negam o uso, sacralizam-se como sarcófagos urbanos, lugares museificados em sua intangibilidade, separados da dinâmica que os envolve, negando-se ao negar direito de uso.

Ao romperem esses fechamentos, esses cadeados e encadeamentos, desencadeiam processos vigorosos de uso comum, compartilhado, coletivo do espaço. Surge um novo enquadramento urbano, uma interioridade aberta ao outro, uma moldura aberta, que resguarda, delimita um interior ao mesmo tempo que dissemina exterioridades nessa interioridade, e que se torna espelho do exterior que a envolve e a define. Restitui-se uma ideia de espaço exterior em um interior que permanece emoldurado, agora enquadrado por uma outra lógica, da intrusão, do contágio e disseminação, portanto, perda do que poderia lhe ser próprio como identidade. A restituição não se dá pelo retorno de algo tal como era, mas a restituição por uma apropriação que não se efetiva em um próprio, em um ente inviolável. Estamos diante de uma interioridade violável.

Seguindo Derrida, a disseminação é uma perda necessária para um ganho. O sêmen dissemina-se, abandona seu local de origem para poder semear, inseminar, gerar uma outra vida, enfim. Ocupações são geradas a partir da vontade disseminativa e de inseminação de alguém. Sarcófagos urbanos, lugares de morte são semeados, tornando-se fecundos, de fertilização de outras vidas, lugares abandonados em suas identidades, sempre em construção, alter-lugares, lugares da alteridade social. Lugares uterinos, elas são intimidades não endêmicas, cuja presença não significa uma presença a si, a ser preservada e mantida. São intimidades desestabilizadas por exterioridades que as ameaçam e as reforçam como lugares de vínculos plurais, complexos, onde a ideia de uma matriz identitária é substituída por uma nutriz, um espaço nutriente (novamente, o útero) de sociabilidades singulares.

Terrain vagues interiorizados, os espaços disponíveis interditados de uso, sacralizados como propriedades indisponíveis, apesar de estarem à disposição, tornam-se, ao serem apropriados pela intrusão, ecos de um exterior, de uma exterioridade negada e renegada por eles. Ao voltarem como territórios usados, passam, de certa forma, a renegar a interioridade e intimidade restituída por eles. Convidados ao rompimento do isolamento de seu mentor, os alunos de Heidegger desencadeavam outros processos no da-sein (a existência como acontecimento apropriativo) de sua cabana, na dimensão ontológica e essencial da morada do filósofo. As ocupações na metrópole irrompem um da-sein, um questionamento ontológico dessa vida social uterina. Sociabilidade precipitada pela intrusão, contaminação e disseminação de sentidos e dimensões do viver em comum, de uma vida compartilhada não dada, assegurada ou admitida.

Particularmente, sejam em ocupações como a Ocupação 9 de julho em São Paulo, *Les Grands Voisins*, 59 *Rivoli* e *Le Cent Quatre*, em Paris, *Grand Hotel Cosmopolis* em Augsburg (ver figuras 3, 4, 5, 6 e 7), algumas dessas, já legalizadas, ações programáticas disseminativas e contaminantes – como festas, confraternizações, apresentações musicais, espaços gastronômicos, de debates, vernissages, dança, exposições, biblioteca, marcenaria, ateliês de trabalho e produção artística, hortas, postos de troca de alimentos, brechós de roupas, salão de cabeleireiro, em seus "domínios" – são momentos em que o de fora [qualquer] é convidado a ingressar e participar em um interior organizado. Nesse processo, que poderia ser visto como um método de emergência do outro por contaminação, o interior é impedido de se consolidar como comunidade de dentro, em oposição ao de fora, ao que deveria permanecer estrangeiro a ela.

Comum a todos, como a cabana de Heidegger, a existência de clareiras, interiores abertos à criação de modos de existência, a acontecimentos culturais e sociais, aberturas para um ser-outro por meio de enlaces sociais, conhecidos ou não. Diria que, na maior parte do tempo, somos condenados a viver atados aos entes, às entidades com seus significados e finalidades dados a priori. Se para Heidegger, são raros os momentos de existência e duração do *Dasein*, e, conseqüentemente, da abertura em direção a um outro, talvez estejam nessas moradas a possibilidade de um questionamento ontológico do viver em sociedade e a chance de uma outra existência social, individual, coletiva, urbana.



Fig. 3: Ocupação 9 de julho, São Paulo: Antigo edifício do INSS, atualmente moradia de ex sem-tetos, além de biblioteca, brechó, sebo, auditório, marcenaria, galeria com intervenções artísticas. Fonte: Igor Guatelli, 2019.

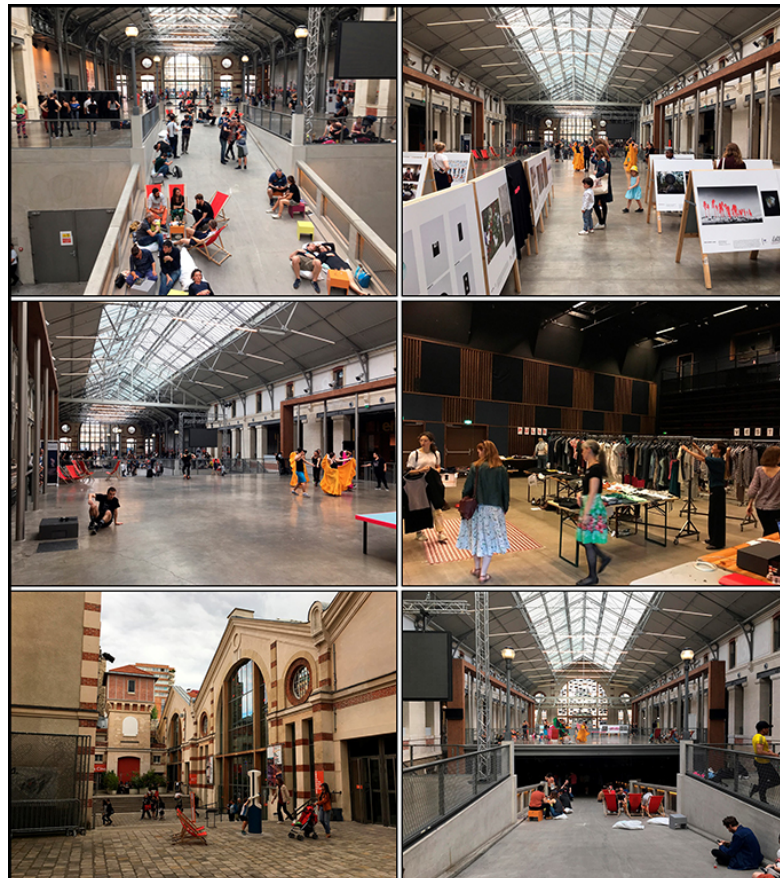


Fig. 4: *Le Cent Quatre*, Paris: Antigo galpão de serviços funerários conhecido como *les Petits Noyers*: atualmente lugar público de acolhimento de refugiados, de manifestações e programações multiculturais – exposições, concertos, festas, festivais, moradia provisória, ateliês de artistas, comércio. Fonte: Igor Guatelli, 2019.



Fig. 5: Les Grands Voisins, Paris: Antigo hospital Saint-Vincent de Paul: estruturado pela articulação de 3 organizações assistenciais – Aurore (hospedagem e inserção profissional), Yes We Camp (ocupação) e o consórcio urbanístico Plateau Urbain (coordenação da escolha e gestão dos atores culturais, de economia social e solidária). Administrado por 3 comitês: espaço, social e programação cultural. Abriga centro de acolhimento de refugiados com moradia, articulados a cooperativas de artistas, gastronômica, de assistência jurídica, ambiental e de capacitação técnica, serralheria, marcenaria, restaurante popular, agricultura urbana e produção têxtil. Um dos edifícios do complexo, Robin, tem funcionamento autônomo, aberto à criação, proposição e invenção de atividades e ações sociais (“crie você mesmo”). Fonte: Igor Guatelli, 2019.



Fig. 6: 59 Rivoli, Paris: antiga sede do banco *Crédit Lyonnais*: inicialmente uma ocupação, hoje, centro de artistas (30 ateliês) de muitas nacionalidades residentes, fixos e rotativos, extensa produção e programação multicultural. Fonte: Igor Guatelli, 2018



Fig. 7: *Grand Hotel Cosmopolis*, Augsburg: antigo edifício pertencente a uma diocese local, funcionou como lar de idosos. Atualmente, funcionam: hotel turístico (os quartos foram personalizados com intervenções de artistas locais e refugiados), hostel centro de acolhimento de refugiados e moradia, bar, restaurante, ateliês de artistas, músicos e auditório com programações culturais, além de um ponto de troca de alimentos com a população. Fonte: Igor Guatelli, 2018.

Inversamente, são esses de fora, convidados a adentrar a um mundo que surgiu pela intrusão, quem contribuem para que uma outra ideia de comunidade emergja e se fortaleça. Uma comunidade eletiva, profanada por exterioridades a ela, vitais à sua própria sobrevivência ao restituírem a dimensão de um lugar comum, participativo, para além dos limites que a circunscrevem ou circunscritos por ela.

Quase como um paradoxo, essas Ocupações, que poderiam ser chamadas de comunidades porosas, comunidades sem comunidade (ao contrário do fechamento, imunização, autopreservação em relação ao outro, a alteridade em constante devir é o ser pelo qual existem), surgem a partir de intrusões. Intrusos que profanam espaços museificados (em um sentido próximo de Agamben), tornando-os lugares de convite e hospedagem de outros, de estrangeiros que permanecem, ou não, "estrangeirados", à margem do lugar, mesmo dentro do lugar. Falamos de cidadãos de uma esfera singular, de uma interioridade-mundos, composta pela escolha livre de cada um de seus membros, de construí-la permanentemente como território do dentro como fora, do fora como dentro. Um território capaz de convulsionar ontologicamente, o território da intimidade, do doméstico e do privado por um lado, do público e de todos por outro.

Se os alunos de Heidegger, de certa forma, o reaproximavam da civilização e da cidade ao visitá-lo, as Ocupações reaproximam uma ideia de comunidade da pluralidade, da cidade, do espaço interior como uma mônada coletiva sempre passível de ser transgredida e violada em sua integridade e identidade. Talvez estejamos diante de processos de babelização de universos monádicos, supostamente invioláveis e uníssonos. Para Derrida, em sua obra "Torres de Babel":

A "torre de Babel" não configura apenas a multiplicidade irreduzível das línguas, ela exhibe um não-acabamento, a impossibilidade de completar, de totalizar, de saturar, de acabar qualquer coisa que seria da ordem da edificação, da construção arquitetural, do sistema e da arquitetônica. (DERRIDA, 2006, p. 11-12).

Se, na Torre de Babel, objetivava-se, através de uma comunidade homogênea, a construção, em uníssono, de uma estrutura arquitetônica em direção ao céu, e, com isso, alcançar o paraíso, uma forma de utopia. Como punição a essa desmedida ambição, o "Criador" os teria punido instituindo a multiplicidade e, portanto, confusão de línguas, condenando-os à incomunicabilidade. A pluralidade de línguas representaria a impossibilidade do entendimento e, portanto, o fracasso de viabilização da ideia.

Na história da história de outros mundos, da busca por mundos interiores idealizados, de uma outra realidade em-si como negação da realidade, seja na forma de uma ilha (*u-topos*) ou de uma torre, a coletividade só seria possível pela unidade, homogeneidade e uniformização; seriam sinônimos e pré-condição de harmonia, entendimento. Por oposição, a multiplicidade, o estranho, o intruso, o diferente representaria a ideia de conflito, do caos. Lugares da multiplicidade de línguas, raças, classes, gêneros, as chamadas Ocupações são a chance da realização de uma ideia de utopia, de coletividade, pela negatividade do conceito.

Se, conforme Peter Sloterdijk, em sua obra *Esferas III*, a sociedade da opulência baseia-se na construção e conformação de obras de arte do auto-mimo, interioridades empenhadas na inclusão de cifras crescentes de adeptos, voluntários, participantes, a produção de excluídos e aumento do desnível entre dentro e fora têm sido maximizados, justamente em virtude dessa lógica de busca incessante por "direitos de conforto". Lugar de cópulas férteis entre interior e exterior com a constituição de um potente dentro-fora, as Ocupações nos apontam outras possibilidades de sociedade-indivíduo e de direito vital.

5 Conclusão

Estamos diante de uma bifurcação que acaba por originar um entremeio que ambas ignoram por poderem ser apenas uma coisa ou outra, monológicas. Da bifurcação, dois caminhos são possíveis. Seja pelo caminho do fechamento ou pelo caminho da abertura, do dentro ou do fora, pela dualidade o que temos é o êxito de um método de construção de uma interioridade que se firma pela interdição de tudo aquilo que ameaça seus traços identitários, traços que se fortalecerão pela negação de tudo o que não lhes parece condizente e afinado com o que nutrem como propriedade e identidade.

Nesse método de construção do comum, o compartilhamento é o que resta – e não o que se almeja – de uma lógica fundamentada na partilha, em uma partilha de tudo aquilo que foi definido, aprioristicamente, como integridade e identidade invioláveis. Não há espaço para estranhamentos ontológicos, teleológicos, contradições ou intrusões. Nesses caminhos, matrizes e parâmetros existenciais, comportamentais, programáticas, raciais, econômicas definem centros gravitacionais em torno dos quais apenas manifestações supostamente condizentes, ajustadas, em conformidade com essas matrizes e parâmetros são permitidos.

Por esse método de constituição e consolidação de interioridades, laços existenciais e combinações programático-espaciais só são possíveis se mediados pelo filtro onto-teleológico do perfil do lugar. Suas características e finalidades inerentes são instituídas a partir de um momento como traço originário, alimentado como identidade e integridade, em suma, uma esfera monádica que só admite a existência pela harmonia e complementaridade.

Mas, afirmativamente, há o espaçamento originado da bifurcação [um caminho de incertezas, pois a escolha, na bifurcação, pode implicar, adiante, em retornos ou retomadas daquilo que se descartou no processo de decisão por um dos caminhos. E, ao se tentar retornar à bifurcação, os rastros deixados pelo deslocamento podem sugerir outros caminhos], e que garante a existência da bifurcação. Há um entremeio, como caminho possível, do nem um nem outro, e, portanto, ambos, violados em seus traços vistos como originários e fundamentais. Para que o *Da-sein* ocorra, aquele momento singular de abertura a um outro do que parece ser o próprio do ente, Heidegger nos oferece o *mit-dasein*, o ser-com, o estar junto de algo, uma ação relacional inesgotável.

Se, etimologicamente, a ideia de "Método" está ligada à construção prévia de um caminho, de se colocar em um caminho, pré-figurar um caminho a ser percorrido, aqui, o caminho é construído, quase, a partir de um lance de dados, ou, menos aleatório, por meio de procedimentos que não garantem o fim almejado, mas tornam-se meio para aberturas. Quase, pois há uma intenção, mas essa intenção é ameaçada pela sombra de sua instabilidade e rotina não assegurada. Metodicamente falando, o caminho não preexiste a ele mesmo, pois o estrangeiro, o de fora já dentro, que cria uma ambígua relação dentro-fora, condição do caminho, é imprevisível. Como nos alerta o pensamento derridiano, aquele ou aquilo que chega, de repente, sem ser anunciado, imprevisto, traz a chance e o risco de novos endereçamentos ao endereço preexistente, ao sentido existente ou ao caminho pré-fixado.

Descortina-se um caminho que não está dado como resultado de caminhos existentes, configurados, reconhecíveis ontológica e teleologicamente. Talvez, portanto, não seja um caminho, mas o momento originado do enlace de situações e modos de existência reconhecidos. Seria, desse modo, meio (*mitte*, que também significa centro) para jornadas interiores estranhas à própria ideia de interioridade e exterioridade,

de um dentro e fora, aquém ou além do que parece ser a matriz referencial. Trata-se de uma comunidade que se nega como comunidade ao admitir a intrusão como princípio capaz de, ao mesmo tempo, fortalecê-la e negá-la. Talvez estejamos diante de uma ideia de comunidade, ao modo de Agamben e Blanchot, que, permissiva, inclusiva, é incapaz de ser uma comunidade, de firmar-se e se reconhecer como comunidade, por estar, permanentemente construindo-se como imprevisível comunidade, uma comunidade que está sempre se tornando, portanto negando seu próprio princípio de limites reconhecíveis como traços identitários.

Mas não se profana aquilo que não se resguarda minimamente como princípio. Nesses casos, o que se observa é um desejo de compartilhamento, cuja potência acaba por estabelecer a contaminação pelo de fora como princípio garantidor de sua interioridade, um refúgio às categorias e modos de existência codificados como característicos do mundo privado ou público. Morar na abertura, seguindo próximo de Heidegger, mas não partindo dele, seria reconhecer, na clareira, a chance de um entre de um dado ente, um ente que ainda não possui um ser dado, um ser pré-figurado antes mesmo de acontecer como existência. O vazio da clareira é o nada inicial necessário para a emergência de uma existência que se deslimita ontologicamente ao acontecer em uma experiência de simultaneidades, aqui e alí, aquém e além da identidade, dentro e fora, privado e público, limitado e amplo, velado e revelado, ao mesmo tempo. Possivelmente estejamos falando de um método abissalante – um método baseado não na definição de um caminho e seu enquadramento prévio, mas na promoção de desvios – construir e “experienciar” moradas.

Possivelmente mais próximo de Derrida, Blanchot [pensadores do “nem-nem” , nem um nem outro, mas entre, como método de precipitação do devir e abertura do porvir] que de Heidegger, mas sem abandoná-lo, – talvez, entre eles – a partir dessas intensas e potentes moradas, um pensamento metódico (não no sentido de pré-configurar e seguir um caminho, mas no sentido de trilhar, rastrear, admitindo desvios) emerge. Por existir e acontecer apenas como uma interioridade baseada na admissão de exterioridades, em que há uma impossibilidade da relação a si ou um retorno a si sem desvios em função dessa permanente admissibilidade do mundo exterior, essa experiência do morar torna-se território de um bem-vindo devir. Um devir social precipitado por moradas avessas ao próprio, à noção estreita de propriedade, às totalizações e identidades impermeáveis. Territórios de uma alteridade irreconciliável com a indesejável ideia de comunidade auto-centrada, autônoma. Seguindo Derrida, estamos diante de uma experiência impossível de morada, entendendo o impossível não como o irrealizável, mas como aquilo que nos deixa atônitos, e que ainda precisa ser pensado em sua singularidade tornada possível. Parafraseando-o, a experiência do impossível é a experiência do outro como invenção do impossível, como única invenção possível (ver DERRIDA, 1987, p. 27).

Referencias

AGAMBEN, G. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

BLANCHOT, M. **La Communauté Inavouable**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1983.

DERRIDA, J. **Torres de Babel**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DERRIDA, J. **La Dissémination**. Paris: Seuil, 1993.

DERRIDA, J. **Psyché: inventions de l'autre**. Paris: Galilée, 1987.

GIACOIA JUNIOR, O. **Heidegger urgente: introdução a um novo pensar**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

HEIDEGGER, M. **O Acontecimento Apropriativo**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

SHARR, A. **La Cabaña de Heidegger: un espacio para pensar**. Barcelona: GG, 2015.

SLOTERDIJK, P. **Esferas III: Espumas - Esferología plural**. Madrid: Ediciones Siruela, 2014.

1 Do original francês: *La vie en troupeau est peut-être hiérarchisée, mais, dans cette soumission à l'un ou à l'autre, reste l'uniformité qui ne s'est jamais singularisée. L'insuffisance ne se conclut pas à partir d'un modèle de suffisance. Elle ne cherche pas ce qui y mettrait fin, mais plutôt l'excès d'un manque qui s'approfondit à mesure qu'il se comblerait”* .

2 Do original francês: *Déclenchement: ouverture, plus généralement d'une porte, avec une serrure, un cadenas, des clés que désormais vous ne devriez plus oublier; et cadre: inscription dans un carré; ouverture, donc, comprise et réfléchi en un quadrangle, ouverture au carré, un certain miroir singulier, qui vous attend. La ville encore, avec des portes et des miroirs, le labyrinthe[...]*.